

Tanto o homem pulou cercas,
 Nas cercas em derredor,
 Que a mulher quis imitá-lo
 E a luta ficou pior.
 Tanto a mulher se descobre,
 Que o homem fica a pensar,
 Se deseja estar na rua
 Ou mesmo se quer um lar.
 Sexo livre? Amor livre?
 Garcia, não falarei,
 Diga aos nossos que sou morto
 E por isso nada sei.

O CASO LIBÓRIO

Libório, depois da festa,
 Chegou, reclamando em casa,
 Cambaleava e gemia,
 Mostrando os olhos em brasa...
 Despejou-se numa cama,
 Desvestiu-se sem cautela
 E passou a vomitar
 Saliva grossa e amarela.
 Gritava com dor no ventre,
 Dizia-se com tonteira,
 O coração disparava
 Com tremenda batedeira.
 Excedeu-se na festa,
 Devorando peixe assado,
 Com batida de limão
 Num grande copo de lado.

Depois comera cabrito,
 Torresmo, chouriço e frango,
 Sentindo-se entusiasmado,
 Caiu, feliz, no fandango.
 Cantou, dançou, batucou,
 Tocando antiga viola,
 Que trouxera resguardada
 Por dentro de uma sacola...
 Agora, clamava aos berros,
 Ele, o touro e amigo forte,
 Que não agüentava as dores,
 Que via, de perto, a morte...
 À noite, foi à sessão
 Com o apoio de enfermeiro,
 Queria ouvir o Irmão Júlio,
 Seu guia e seu companheiro.
 No momento da consulta
 Disse o Libório: "Ah! irmão,
 A doença me apanhou,
 vivo agora em provação..."

Que diz o meu caro Guia?
 Pois creio em sua virtude,
 Necessito, quanto antes
 Retomar minha saúde!..."
 O Amigo Espiritual
 Respondeu com gentileza:
 — "Vi você, ontem, na festa,
 Gostei de sua destreza.
 Tenha calma, irmão Libório,
 Guarde a Fé, pense no Bem,
 Deus é um Pai que nunca dorme,
 Nem abandona a ninguém.
 Mas escute este rifão
 Que ofereço ao seu amparo:
 Quem a paca caro compra,
 Pagará a paca caro."